

ARAUJO, Alexandre Falcão. A ação política no teatro de rua de dois coletivos artísticos do extremo leste da Cidade de São Paulo. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP); Mestrando; Bolsista CAPES; Professor Orientador: Alexandre Mate.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é pesquisar os procedimentos de ação política no teatro de rua a partir do estudo de encenações de dois coletivos artísticos do extremo leste da Cidade de São Paulo: Aliança Libertária Meio Ambiente (ALMA Ambiental) e Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes. Ambos os coletivos citados desenvolveram, ao longo de sua história, espetáculos teatrais criados e apresentados em espaços ao ar livre, espaços urbanos ressignificados pelas encenações. O recorte da pesquisa estará na análise dos procedimentos de ação política utilizados nos processos de criação e apresentação dos espetáculos *A saga do Menino Diamante: uma ópera periférica*, do coletivo Dolores, e *Antes que a Terra fuja*, do coletivo ALMA. Para tanto, serão realizadas entrevistas com os criadores, análise de material iconográfico (vídeos, fotos) e de registros escritos (manuscritos, impressos ou em sítios da *internet*) sobre os processos criativos e assistência a ensaios e aos espetáculos, se houver apresentações. Como desdobramento teórico, a pesquisa buscará evidenciar, na produção escrita disponível sobre teatro de rua (de âmbito acadêmico ou não), as pistas conceituais para compreender as formas possíveis de promover uma ação política na modalidade teatral em questão. Assim, será possível cotejar o discurso apresentado pelos integrantes dos coletivos pesquisados e os discursos oriundos dos textos estudados na revisão bibliográfica, identificando contradições e complementaridades.

Palavras-chave: Teatro de Rua. Política. Periferia.

ABSTRACT

The purpose of this study is to research into the political action procedures in the street theater in studying plays of two artistic groups from the East outskirts of the City of São Paulo, namely: *Aliança Libertária Meio Ambiente (ALMA Ambiental)* and *Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes*. The outline of this research is the analysis of political action procedures used in the processes of creation and presentation of the shows *A saga do Menino Diamante: uma ópera periférica*, by group Dolores, and *Antes que a Terra Fuja*, by group ALMA. To this end, we will conduct interviews with the creators, analyze iconographic material (videos, pictures) and written records (manuscripts, printouts or websites) on the creative process and support to the rehearsals and shows if any presentation takes place. As theory stemming from this research, we will aim at showing through the written material available on street theater (from an academic perspective or not) the conceptual leads to understand possible ways of promoting the political theater form in question. Therefore, it will be possible to compare the statement by the members of the groups being researched and the statements arising from the texts studied in the bibliography review, and to identify contradictions and complementarities.

Keywords: Street Theater. Politics. Outskirts.

Este trabalho parte de uma pesquisa de mestrado iniciada no presente ano de 2011, que propõe o estudo de procedimentos de ação política no teatro de rua a partir da análise de encenações de dois coletivos artísticos da Zona Leste da Cidade de São Paulo: Aliança Libertária Meio Ambiente (ALMA) e Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes. O objetivo desta comunicação é compartilhar as proposições de pesquisa e os dados iniciais levantados, a fim de promover o intercâmbio entre trabalhos da mesma temática e enriquecer a trajetória analítica.

Inicialmente, é importante estabelecer uma baliza conceitual para o que é considerado teatro de rua. O professor André Carreira, ao fazer uma síntese do conceito, afirma que “[...] o teatro de rua abarca todos os espetáculos ao ar livre que optam por ficar fora dos teatros convencionais e utilizam espaços urbanos apropriados temporariamente para o fenômeno teatral, permeáveis ao público acidental” (CARREIRA, 2007, p. 54).

Em relação à ação política em teatro, no âmbito desta pesquisa, o termo é compreendido como a atuação de coletivos teatrais que propõem objetivos claros e explícitos de transformação política utilizando-se da arte como ferramenta. Nesse sentido é possível falar em um teatro “deliberadamente político” ou de vocação política, diferenciando-se de outras práxis teatrais não assumidamente políticas, “pois o teatro sempre foi político, por condição ontológica” (DORT, 1977, *apud* GARCIA, 2004, p. 78).

O teatro é uma expressão dialética que reflete a realidade social ao mesmo tempo em que a recria, interfere na vida dos sujeitos que participam do acontecimento artístico. Por isso, a radicalidade do teatro de rua, que rasga o espaço urbano e transgride o uso comum do espaço público, pode avançar no sentido contra-hegemônico e criar um espaço-tempo de ressignificação do lugar. Nesse sentido, o teatro de rua, notadamente aquele que é feito nas comunidades, pode proporcionar a gestação de novos sentidos para o espaço, novas formas de ver e estar naquele lugar, pode funcionar como “[...] *rastilhos de intervenção* e de organização das comunidades” (MATE, 2009, p. 25). Dessa forma, com o acontecimento teatral

[...] pode haver uma inversão na lógica que concebe o espaço público apenas como lugar de passagem: de lugar sem dono, de lugar do chefe, de lugar em que cada um pode fazer o que desejar... As artérias da cidade podem transformar-se em “zona de fronteira”, em quintais e continuação da própria casa de cada morador (*idem, ibidem*).

No cenário paulistano o processo de fortalecimento da produção teatral feita na e para a periferia tem se tornado cada vez mais evidente¹, impulsionado, entre outros fatores, pela criação de políticas públicas de fomento à arte, entre elas a

¹ Um fato representativo do momento de crescimento e visibilidade da produção teatral periférica paulistana foi a realização, pelo Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP), em julho de 2011, a mostra *Militância Teatral na Periferia*, com vários grupos convidados, entre eles o coletivo Dolores.

Lei do Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo² e o VAI – Programa para Valorização de Iniciativas Culturais³.

Os grupos ALMA e Dolores surgem neste contexto de produção teatral periférica; o grupo ALMA beneficiado no início de sua trajetória pelo programa VAI e; o coletivo Dolores, selecionado em três edições, pelo Programa de Fomento ao Teatro⁴. Ambos os coletivos desenvolveram ao longo de sua história, espetáculos teatrais criados e apresentados em espaços ao ar livre, espaços urbanos ressignificados pelas encenações.

O coletivo Dolores, sediado no Jardim Triana, Cidade Patriarca, bairro a 15 quilômetros do centro de São Paulo, define-se como

[...] um grupo de trabalhadores que exerce, entre todos os percalços, o direito de expressar o mundo que lhe atravessa através da arte. Como trabalhadores, nos movimentamos enquanto classe e assumimos as consequências que esta posição política nos coloca (DOLORES, 2011).

Em seus 12 anos de trajetória artística e teatral na periferia leste da Capital paulista criou cinco espetáculos: *Bonecos Chineses* (1999), *Casa de Dolores* (2004); *Sombras dançam neste incêndio* (2006), *A saga do Menino Diamante: uma ópera periférica* (2009) e *Insônias de Antônio* (2011).

Entre os trabalhos mais recentes, os espetáculos *Sombras dançam neste incêndio* e *A saga do Menino Diamante* dialogam mais explicitamente com a modalidade teatral de rua. Ambos foram criados no Clube da Comunidade (CDC Patriarca) – um equipamento público da Secretaria Municipal de Esportes da Prefeitura de São Paulo, de livre circulação para a comunidade, ocupado pelo Dolores há seis anos, em parceria com outros coletivos artísticos da região.

A obra *Sombras dançam neste incêndio* foi toda concebida para apresentação em espaços abertos, especialmente para o próprio CDC, tendo sido apresentada também em diversos outros espaços da Capital e interior: ruas, praças, terrenos baldios, assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) etc.⁵.

O espetáculo *A saga do Menino Diamante* trazia, no início de sua temporada em agosto de 2009, três atos: o primeiro, realizado na área externa do CDC; o segundo ato realizado com duas cenas paralelas: uma no espaço interno do galpão do CDC e outra na área externa, dando opção ao público de escolher

² Lei Municipal 13.279, de 8 de janeiro de 2002. Acerca do assunto, dentre outros materiais, consultar Iná Camargo Costa e Dorberto de Carvalho. *A Luta dos Grupos Teatrais de São Paulo por Políticas Públicas Para a Cultura: 5 Anos de Lei de Fomento*. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2008.

³ Lei Municipal 13.540, de 24 de março de 2003.

⁴ Para melhor compreensão, é importante ressaltar que o surgimento desses grupos é anterior às seleções por editais das citadas leis. No entanto, o crescimento de ambos foi potencializado pelos recursos públicos advindos dos programas VAI e Fomento.

⁵ O espetáculo *Sombras dançam neste incêndio* é objeto de pesquisa de mestrado em andamento na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que vem sendo realizada por Gustavo Idelbrando, o Guga, integrante do coletivo Dolores.

qual cena assistir; e o terceiro ato, que era uma festa dentro do galpão, que varava a madrugada. No final da primeira temporada o coletivo optou por cortar o segundo ato e realizar o espetáculo somente com o ato inicial e a festa. O segundo ato posteriormente foi transformado em um espetáculo autônomo, chamado *Insônias de Antônio* (2011). Dessa forma, *A Saga do Menino Diamante* é uma obra de modalidade teatral mista, que dialoga com o teatro de rua e outras formas de encenação. Optei por focar a pesquisa no espetáculo anteriormente citado, com a intenção de conhecer e compreender os procedimentos de ação política utilizados nos seus processos de criação e apresentação no espaço público e aberto do CDC Patriarca.

O coletivo Aliança Libertária Meio Ambiente, do qual eu faço parte desde 2006, irradia suas ações a partir do distrito José Bonifácio, Itaquera, extremo leste paulistano, a cerca de 25 quilômetros do centro da cidade.

O ALMA define-se como um coletivo socioambientalista e artístico que busca trabalhar com “[...] as diversas dimensões da Ecologia (Mental, Social e Natural), no intuito de sensibilizar e mobilizar as pessoas para a transformação de seus valores e atitudes em sua atuação individual e coletiva” (ALMA, 2011). A proposição socioambientalista diz respeito a uma

[...] perspectiva a partir da qual se compreende que as lutas ambiental e social são complementares e devem ocorrer de modo associado, por se tratarem de fenômenos articulados numa mesma causa: a crise do paradigma da modernidade, onde a exploração dos recursos naturais, assim como a exploração dos seres humanos põem em risco a existência das populações e dos ecossistemas (*idem, ibidem*).

O grupo nasceu em 2003, no Conjunto Habitacional José Bonifácio, pela união de jovens moradores da região, preocupados com a questão dos resíduos e da condição de vida dos catadores de materiais recicláveis. A linguagem teatral foi descoberta como um meio de dialogar com a comunidade sobre as questões sociais que emergiam da vida cotidiana. Nesse sentido, as primeiras intervenções do grupo tinham uma forte característica de agitprop⁶.

Desde o início, a forma teatral praticada pelo grupo foi o teatro de rua. Nessa trajetória foi criado o espetáculo *Antes que a Terra fuja*, apresentado entre 2004 e 2009, com várias versões, mas sempre mantendo a rua como *locus* de trabalho. Em 2010, o grupo criou a performance *Ritos de rios e ruas – Intervenção # 1*, realizada às margens do Rio Jacu, na Avenida Jacu-Pêssego, em Itaquera.

No tocante à trajetória do coletivo ALMA, o foco de análise estará nos procedimentos de ação política utilizados no processo de criação e circulação do espetáculo *Antes que a Terra fuja*.

Os dois grupos estão inseridos na mesma região geográfica, foram parceiros em atividades desenvolvidas nos últimos cinco anos (trabalhos de formação

⁶ Neste caso, o agitprop não se refere ao socialismo ou a ideologia comunista *strictu sensu*, como é descrito por MATE (2009) em relação à proposta cultural soviética, mas a um projeto político ambientalista.

artística e política, circulação de espetáculos e atividades culturais) e compartilham pautas de seus projetos políticos.

Em sua atuação ambos desenvolveram conceitos e/ou estratégias de ação que apontam novos caminhos para uma teatralidade engajada na transformação da realidade social, cada um à sua forma.

O Grupo Dolores desenvolveu o conceito de teatro-mutirão, que diz respeito a “insistência em fazer arte, a busca pelo trabalho não alienado, as tentativas de organizar-se coletivamente de forma horizontal” (DOLORES, 2011). A radicalidade da práxis desse conceito pode ser exemplificada pelo fato de todas as funções do grupo serem divididas de acordo com as necessidades do coletivo e com as habilidades de cada integrante (não só em relação à parte artística, mas também em relação à gestão do espaço, limpeza, alimentação e produção cultural). Também é princípio do coletivo a não divisão entre trabalho intelectual (ou artístico) e trabalho braçal, portanto todos os integrantes têm que “botar a mão na massa”, ou seja, ajudar nos mutirões de limpeza e manutenção do espaço, o que inclui carpir o terreno do CDC, abrir covas, plantar mudas etc. Assim, “todos sabem o motivo e a função do trabalho, as pessoas se reconhecem e se fortalecem com o trabalho” (IDELBRANDO, s/d, p. 2).

O grupo ALMA vem trabalhando com o *teatro de COHAB*, um teatro itinerante, feito nos pátios e espaços abertos dos conjuntos habitacionais populares da região, “onde o cortejo de atores se infiltra no espaço coletivo familiar e transforma o morador debruçado na janela em público, o espaço cotidiano em espaço teatral, a soleira da porta do apartamento em boca de cena” (ALMA, 2011). Sua forma de organização e produção teatral é também coletiva e busca a horizontalidade, ainda que seus princípios não sejam tão sistematizados como os do coletivo Dolores.

Apesar do diálogo e das ações conjuntas realizadas, há diferenças consideráveis entre os dois grupos tanto na compreensão da realidade social quanto nas formas e estratégias de atuação. O grupo Dolores afirma-se como “materialista dialético”, enquanto que o ALMA não tem uma proposição tão definida, tendo influências do pensamento crítico de esquerda e de correntes do movimento ambientalista.

Como foi relatado por Guga, integrante do Dolores, os membros deste coletivo “[...] optaram por trabalhar na periferia da cidade por perceberem que as respostas estéticas e políticas estão na região onde eles próprios nasceram” (IDELBRANDO, s/d, p. 1). Esta afirmação vale também para o coletivo ALMA, pois nós acreditamos que a transformação social tem que partir também de nosso espaço de vida cotidiana e não apenas de diretrizes externas às nossas vidas, gestadas em um Estado centralizador ou nas universidades, elitizadas, do país.

Derivada deste debate surge a hipótese de que os coletivos em foco apontam estratégias potentes de ação política para o teatro praticado nas ruas e em espaços públicos, abertos e comunitários. A análise destas experiências à luz

dos referenciais teóricos e históricos pode indicar pistas para validar ou não esta afirmação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIANÇA LIBERTÁRIA MEIO AMBIENTE – ALMA. Disponível em: <<http://almaambiental.blogspot.com/>> Acesso em: 27 de abril 2011.

CARREIRA, André. **Teatro de Rua: (Brasil e Argentina nos anos 1980):** uma paixão no asfalto. São Paulo: Hucitec, 2007.

DOLORES BOCA ABERTA MECATRÔNICA DE ARTES. Disponível em: <<http://doloresbocaaberta.blogspot.com/>> Acesso em: 27 de abril 2011.

GARCIA, Silvana. **Teatro da Militância.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

IDELBRANDO, Gustavo. **O Acordar do espectador periférico:** Pólen, Pólis, Política e Pedagogia do Teatro. Material pedagógico de apoio à disciplina Ação Cultural em Teatro. São Paulo: USP/ECA/CAC, sem data.

MATE, Alexandre. **Buraco d’Oráculo:** Uma trupe paulistana de jogadores desfraldando espetáculos pelos espaços públicos da cidade. São Paulo: RWC, 2009.